

Há esperança?

Berta Hoffmann Azevedo

Sobre as portas do Inferno de Dante, em *A divina comédia*, estão inscritas as seguintes palavras: “Deixai toda a esperança, ó vós que entraís” (Alighieri, 1472/1999, p. 7). Do lado de lá, portanto, as almas sem salvação, imersas na desesperança. E o que dizer sobre os que estão do lado de cá, mesmo quando nas bordas do desconsolo?

O *Jornal de Psicanálise* que temos em mãos brota como desdobramento daquele sobre “Violações”. Frente às múltiplas modalidades de ruptura e violência, a indagação: há esperança? Há esperança para o mundo, manchado pelo sangue das guerras e pelas emergências climáticas? Há esperança para aqueles marcados por abusos físicos e psíquicos? Há esperança social diante da dessubjetivação de alguns corpos e sua sistemática violação? A criatividade humana resiste à dominação implacável da inteligência artificial desenfreada? Há futuro para a psicanálise em face das lógicas da desesperança construídas sobre traumas desorganizadores do narcisismo? E o que pode a psicanálise em tempos de idealização do modelo positivista de ciência?

Quase terminada a montagem desse número do *JP*, fomos inundados pelo cenário apocalíptico vindo do sul do Brasil. As enchentes que invadiram 460 das 497 cidades do estado do Rio Grande do Sul trouxeram uma tempestade de imagens desoladoras que se abateram sobre nós. As chuvas em volumes recordes apontam que os impactos da mudança climática global já alcançam nosso território, e que as ações abusivas humanas elevam a proposta temática a uma interrogação inadiável. O medo da destruição final, apontado por Freud (1932/2010) como limitador da destrutividade, precisaria encontrar aparência mais assustadora para despertar nossa urgência coletiva para alguma transformação?

Pontes e estradas desmoronaram, embora, de alguma maneira, tenham sido imediatamente reconstruídas e reforçadas em forma de rede de solidariedade e amparo. A paradigmática imagem da organização espontânea de uma corrente de pessoas em meio ao caos, que, de mãos dadas dentro d’água, puxava barcos de resgate, figura o senso de comunidade que se fez

ponte. O cordão humano por vezes enfraquecido, que de forma invisível nos liga a todos, de súbito se fortaleceu. Quando não naufragou em aguda desilusão, o desamparo ressuscitou humanidade. Há esperança de que esse legado frutifique?

A experiência humana do desespero mexe com a dimensão temporal: sem esperança, o inferno é eterno. As figuras da desesperança não são estranhas à psicanálise contemporânea: pessoas que não ousam sonhar projetos, que não podem enxergar um porvir que valha ser vivido, que não apostam numa transformação favorável. Na contratransferência do psicanalista, a impotência e o desespero tentam encontrar destino elaborativo, para que a enxurrada de desalento não varra da cena também seu empenho.

Esperança do verbo esperar não se reduz à espera. A esperança gesta futuro, relaciona-se com o que ainda não é e com as cicatrizes do que foi. Permite sustentar o caminhar na direção de um horizonte desejável e nele investir, engajar, mesmo sem garantias.

Esse ímpeto de acreditar, de cultivar a crença no potencial transformativo, pode paradoxalmente fazer acionar um sinal de perigo. Há um longo debate no universo mítico grego que tenta entender o porquê de a esperança estar entre os males do mundo aprisionados na caixa de Pandora. Esperança vulnerabiliza? Talvez a esperança relance expectativas passíveis de frustração e possa ser abortada na antecipação do infortúnio. Existe, contudo, uma variante que diz que a jarra de Pandora não estava repleta de males, e sim de bens; quando foi aberta, os bens retornaram à morada dos deuses; e “a esperança, porém, ficou conosco” (Brandão, 2014, p. 485).

Ao encontro de um Dante desesperado na floresta escura foi Virgílio – seu poeta de inspiração –, que, surgido das sombras, o ajudou a prosseguir a marcha, manter o caminho. Nas criativas soluções psíquicas coletivas e singulares descobrimos as escoras que cada um inventa para se salvar de afogar-se em desânimo nos limites da desesperança, faíscas que acendem o motor do investimento: o laço social, a arte, a literatura, o trabalho, a psicanálise.

Nas páginas a seguir, nossa pergunta é trabalhada pelos autores em diversas direções. Ante à incerteza, a esperança pode suportar a jornada. É assim para o humano, é assim para a psicanálise. As dimensões sociais, clínicas e teóricas da esperança estão abordadas na seção temática, assim como nas demais seções que o número compreende.

Em Diálogos, Mirian Malzyner e Érico Andrade comentam o artigo de Silvana Rea “Alguma esperança para os vaga-lumes?”, que discute os

feixes de esperança possíveis diante do sujeito contemporâneo, o capitalismo de informação e suas bases neoliberais vigentes no cenário atual. A bioluminescência dos tais vaga-lumes é retomada no poema de Patrícia Formigoni Morais que compõe a seção Conexões.

Cristina Mota Takata e Marise Levy Wahrhaftig, no espaço da Associação dos Membros Filiados, propõem a esperança como práxis, e apostam na conversa com dissonâncias para a superação dos impasses próprios dos discursos de certeza, no caso aplicado ao conflito Israel-Palestina.

Na seção História da Psicanálise escolhemos apresentar algumas cartas que testemunham o germe da fundação da SBPSP, entendendo o gesto de constituição de uma instituição de psicanálise como ato de esperança. Para mantê-la renovada e viva, só com o fôlego da esperança. Há?

Esperamos que a leitura do *Jornal de Psicanálise* contribua para projetar horizontes.

Boa leitura a todos!

Referências

- Alighieri, D. (1999). *A divina comédia: Inferno* (H. S. L. da Rocha, versão em prosa, notas, e intr.). [s.n.]. (Trabalho original publicado em 1472)
- Brandão, J. S. (2014). *Dicionário mítico-etimológico*. Vozes.
- Freud, S. (2010). Por que a guerra? In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)

Berta Hoffmann Azevedo
Editora
bertaazevedo@hotmail.com